

PENSAR O TITULO

ABYSMO

José Pedro Serra

182	O CONFLITO DE ORESTES	05	PREFÁCIO
206	CAPÍTULO V LIBERDADE E NECESSIDADE	09	PARTE I A TRAGÉDIA E O TRÁGICO
220	A "DECISÃO" DE PELASGO	10	CAPÍTULO I COMO PENSAR O TRÁGICO
230	A DECISÃO DE AGAMÉMNON	48	CAPÍTULO II AS ÉPOCAS TRÁGICAS
248	CAPÍTULO VI A CULPA	52	A TRAGÉDIA GREGA
250	A CULPA DAS DANAIDES E DOS EGÍPCIOS	53	O TEATRO TRÁGICO DE SENECA
264	O DESTINO E A CULPA DE XERXES	62	ÉPOCA MODERNA
287	CAPÍTULO VII CONHECIMENTO E IGNORÂNCIA	66	CAPÍTULO III A REFLEXÃO CRÍTICA: PLATÃO E ARISTÓTELES
288	CASSANDRA OU A TRAGÉDIA DO CONHECIMENTO	68	PLATÃO
295	TIRÉSIAS OU O RISCO DE CONHECER	86	ARISTÓTELES
302	AS BACANTES COMO TRAGÉDIA DO CONHECIMENTO	135	PARTE II AS CATEGORIAS TRÁGICAS
319	CONCLUSÃO	136	INTRODUÇÃO
323	BIBLIOGRAFIA	140	CAPÍTULO IV O CONFLITO
344	BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	143	O DILEMA DE PELASGO
347	ÍNDICE ONOMÁSTICO	153	O DILEMA DE AGAMÉMNON

PREFÁCIO

A pergunta que sustenta o texto, escrito há cerca de uma década, que agora, com poucas alterações, de novo se edita – «o que é a tragédia, ou melhor, o que é o trágico, isso que faz de alguma coisa uma tragédia?» – mantém, ao menos para mim, inalterável pujança e urgência. Imediatamente, coloca-nos ela no pórtico de uma demanda que incide sobre uma assinável tradição histórico-⁴filosófica, cultural e literária que, desde a ⁵Grécia, foi moldando o nosso olhar e o nosso gesto ao longo dos séculos, determinando assim o modo como fomos erguendo a nossa compreensão do mundo e da vida. A pujança de tal demanda é inseparável da grandeza da tradição que a anima, da grandiosidade da corrente criativa que a percorre, da imensidade do questionamento filosófico que a tece. Não se adequa ela, porém, à esterilizante lente do anódino e higiênico erudito que procura apenas o saber morto de um desfalecido passado tornado cómodo e distantemente apreciável.

Nesse sentido, a pergunta sobre a tragédia e o trágico é também pujante porque é vital revisitação, cultura sobre cultura debruçada, arriscado olhar incandescente e interessado sobre o nosso destino de seres históricos. Nessa imensa pujança reside também a sua urgência. Não se trata, em sentido estrito, de uma pergunta nova ou original e os ecos das suas vestes críticas têm longuíssimas raízes e nunca deixaram de ser

escutados. A originalidade que a atravessa, ou melhor, a indocilidade e a insubmissão derivam da convocatória dos tempos que a ela obrigam. Mais do que qualquer outro, foi Nietzsche que impôs como uma fatalidade o roteiro da tragédia. Verdadeiramente, nunca tinha ele sido erradicado, mas, precoce mensageiro das nuvens que aí vinham, o filósofo alemão, descrente profeta ou profeta sem Deus, fez soar prospectivamente a voz do seu século. Foi ele o mais radical inquiridor da tragédia, cruzando-a e recriando-a a partir da pergunta que, desde *O Nascimento da Tragédia*, lhe orientou o pensamento – e que privilégio é ter uma pergunta como inalienável bússola – e da qual, criativamente, emergiu uma filosofia trágica: quem é Dioniso, ou o que é o dionisismo? A invenção do modelo da heróica vida trágica, encarnação de uma “filosofia trágica”, formulação até essa altura inexistente, fez-se no repúdio, na contínua e alegre oposição ao “débil ideal da vida cristã”. O ressurgimento do trágico e a notícia da “morte de Deus” marcam indelevelmente o século XIX. Para alguns, é esta uma notícia já caduca, porventura pelo hábito de muitas vezes a ouvirmos e dessa repetição resultar uma diminuição da gravidade e importância outrora tida. Não penso assim. O esvaziado céu bordado na pergunta ainda nos cobre e esse “assassínio”, para utilizar a mesma metáfora, marca o horizonte de uma nova vibração da tragédia e do trágico, determinando ainda o nosso pensamento e os nossos actos.

Desde então, muitos e decisivos têm sido os caminhos percorridos pela tragédia, quer como criação literária ou, mais genericamente, artística, quer como reflexão crítica e filosófica sobre o trágico. Paradoxalmente, o colapso do alto estilo do género literário foi acompanhado por uma explosão de um *sentimento trágico da vida* que se enraizou no pulsar da existência humana contemporânea. O questionamento do trágico ultrapassou os limites do teatro, a sua morada original, e rasgou fronteiras nas artes plásticas, na dança, na música – para além de Wagner, como esquecer a voz trágica de Richard Strauss? – nos estudos de cultura e nos estudos de religião. Também a firmeza na autenticidade e na “irreducibilidade” da existência, tão do agrado da angústia existencialista, aliada à vincada crise do humanismo e da tradição humanista, ambos encenados pelos decisivos acontecimentos políticos do século XX, que abraçaram a queda de impérios e o esboroamento de esperançosas ideologias, escancarou as portas à presença, imponente, da pergunta sobre a tragédia e o trágico. Esta presença obriga-nos a uma fidelidade e daí, também, a urgência da pergunta.

O século XXI foi, e é, herdeiro, mensageiro e recriador deste património. Os últimos dez anos não alteraram substancialmente a paisagem, mas em um aspecto concreto produziram uma nova matiz. A questão da τεχνή, da técnica e da tecnologia fora já questão central a partir dos meados do século passado. Incorporando a seu modo as reflexões sobre o progresso que, particularmente desde o iluminismo, se vinham colocando, e tangendo as inquietações e as esperanças,

muitas delas ingénuas, infantis ou assustadas que as acompanharam (1984 ou *Admirável mundo novo* são, por exemplo, excelentes assustados sobressaltos desta mais recente modernidade), as interrogações sobre a tecnologia e o *pensar técnico*, decisivas para o futuro da cultura e do espírito – assim se dizia nos célebres «Encontros de Genebra» –, haviam crescido à sombra da trágica dimensão do destino do homem. O lugar do “homem”, da “cultura”, do “espírito”, na adivinhada e pressentida futura civilização tecnológica foi questão muito debatida na segunda metade do século XX e certamente não estranha ao vivido regresso do trágico. A última década, todavia, agudizou de algum modo a questão. Os apreciáveis avanços científico-tecnológicos na área da inteligência artificial e das neurociências vieram agudizar alguns dos temas directamente relacionados com a tragédia e o trágico. A robótica e a criação de complexos sistemas computacionais vieram dar relevo às questões relacionadas com a consciência, a sua origem e a sua natureza, e a irreducibilidade do propriamente humano. Por outro lado, e confluindo com esta investigação, o estudo do cérebro tem levantado imensos enigmas quer quanto à sua evolução, quer quanto ao seu funcionamento. As neurociências e o estudo da consciência, essa realidade rebelde a qualquer definição, conduzem-nos ao seio de antiquíssimos temas como o domínio das emoções ou a liberdade e o livre-arbítrio, temas fulcrais na tragédia. A recente explosão de bibliografia sobre o livre-arbítrio constitui prova do renovado interesse sobre esta problemática. No fundo, sob outras vestes, são ainda as antigas questões da ἀνάγκη, da necessidade/fatalidade, da *uoluntas*, da vontade e da liberdade, com consequências no modo de compreensão das noções de culpabilidade e de responsabilidade, que voltam a erguer-se, agora à luz de outras determinações diferentes das anteriores determinações mítico-religiosas, ou socio-económicas, ou psicanalíticas, entre outras. Fénix sempre renascida – terá alguma vez morrido? –, a pergunta da Esfinge regressa forte e poderosamente.

Correspondendo os binómios liberdade/necessidade, culpa/innocência, conhecimento/ignorância a categorias da tragédia, tal como as entendo, importa seguir-lhes o rastro, pensar o vasto e longo trilho que deixaram e que ainda nos compromete e *interessa* porque o nosso estar é entre elas. É esta tensão entre a tradição e as exigências existenciais da nossa época que colocam a inquirição sobre a tragédia e o trágico como a inevitável presença de quem não é e não se quer estranho ao espírito do nosso tempo. Estou profundamente convicto de que o advento do nosso futuro, qualquer que ele seja, imaginado em manhãs orvalhadas ou em negros desertos, não ocorrerá à margem da nossa *trágica* condição e do modo como a pensarmos. O triunfo do espírito dá-se hoje pela tragédia, *através* da tragédia.

Lisboa, Junho de 2018

Na palavra **abysmo**, é a forma do y que lhe dá profundidade, escuridão, mistério...
Escrevê-la com i latino é fechar a boca do abysmo, é transformá-lo numa superfície banal.

Teixeira de Pascoaes

Edição #82
Coleção Clássicos | Ensaios #01
Lisboa, Setembro 2018

PENSAR O TRÁGICO

Ensaio
José Pedro Serra

Design gráfico e logótipo convidado
Miguel Macedo

Composto em Didot e IBM Plex
sobre papel Coralbook 90 gr

Composição
Undo

Impressão e acabamento
Papelmunde

Depósito Legal
464165/19

ISBN
978-989-8688-79-8

ABYSMO

Rua da Horta Seca, 40, r/ch
1200 - 221 Lisboa
www.abysmo.pt

CEC | Centro de Estudos
Clássicos

U LISBOA | UNIVERSIDADE
DE LISBOA **FLUL** LETRAS
LISBOA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ELT/00019/2013.

Palavras de longo rasto histórico, tragédia e trágico constituem, hoje, um dos traços mais marcantes da nossa época, herdeira de um século de ruínas e aberta a inquietantes questões filosóficas, culturais, políticas, mas não menos a renovadas esperanças.

Acompanhar o pulsar original da tragédia, olhando o horizonte de possibilidades que a partir dela se gerou, não é apenas matéria de erudição, muito mais do que isso, é enraizarmo-nos, sem disfarces, no concreto da nossa situação, procurando uma visão mais completa do homem e da realidade. Pensar a tragédia é enfrentar o nosso destino, a que não podemos fugir.

ABYSMO



9 789898 688798

CEC | Centro de Estudos
Clássicos

U LISBOA | UNIVERSIDADE
DE LISBOA **FLUL** LETRAS
LISBOA

FCT | Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia